



Anais do V Congresso Nacional de pesquisadores em Dança
ANDA 2018 / Manaus
ISSN 2238-1112

Para citar esse documento:

VIEIRA, Nara Córdova; AMOROSO, Daniela Maria. Andeja nos Ventos: pesquisa criação artística das mulheres Corta-Ventos da Banda de Congo José Lúcio Rocha de Airões MG. *V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Manaus: ANDA, 2018. p. 274-287.



www.portalanda.org.br



ANDEJA NOS VENTOS:

PESQUISA CRIAÇÃO ARTÍSTICA DAS MULHERES CORTA-VENTOS DA BANDA DE CONGO JOSÉ LÚCIO ROCHA DE AIRÕES MG

Nara Córdova Vieira *
Daniela Maria Amoroso **

RESUMO: Este artigo apresenta brevemente meus caminhos na pesquisa de mestrado. Este processo está em percurso no Programa de Pós-graduação em Dança na Universidade Federal da Bahia, sob orientação da professora doutora Daniela Maria Amoroso, e viabilizado pela bolsa de estudos CAPES. Esta pesquisa tem como sujeitas as corta-ventos da Banda de Congo José Lúcio Rocha de Airões, distrito de Paula Cândido – Minas Gerais: Maria de Lourdes Mateus e Marcelly Cristina Mateus Celestino. Vó e neta que contam, cantam e dançam suas histórias em afrografias. Com referências nos estudos da oralitura de Leda Maria Martins (1997; 2003), dos processos de criação de Inaicyrá Falcão dos Santos (2006) e etnocenologia de Armindo Bião (1995; 1999). Além das metodologias de pesquisa InvestiCreación Artística (PARGA; MATA, 2017) e a Pesquisa com prática artística (FERNANDES, 2013). Com todas essas referências, traço grafias em dança em processo de criação nomeado Andeja nos ventos.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Congado. Corta-ventos. Processo de criação. Dança

ABSTRACT: This article briefly introduces my trajectory in mastering research. This process is under way in the Post Graduate Program in Dance at the Federal University of Bahia, under the supervision of the professor Dr. Daniela Maria Amoroso, and made possible by the CAPES scholarship. This research is subject to the windswept of Congo Band José Lúcio Rocha of Airões, district of Paula Cândido - Minas Gerais: Maria de Lourdes Mateus and Marcelly Cristina Mateus Celestino. They are grandmother and granddaughter who tell, sing and dance their stories in afrographies. My references are the oral studies of Leda Maria Martins (1997, 2003), the creation processes of Inaicyrá Falcão dos Santos (2006) and the researches in ethnocenology of Armindo Bião (1995; 1999). In addition to the research methodologies, I also explore the InvestiCreación Artística (PARGA, MATA, 2017) and the research with artistic practice (FERNANDES, 2013). With all these references, I am developing a dance creation process named Andeja nos ventos.

KEYWORDS: Black women. Congado. Windswept. Creation process. Dance.

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Esta pesquisa se iniciou em maio de 2017, na linha de pesquisa Mediações Culturais e Educacionais em Dança na Universidade Federal da Bahia. Com a viabilização da pesquisa pela CAPES, pude vir de Minas Gerais à Bahia para iniciar os estudos acadêmicos. As vivências desta pesquisa vem dos encontros que acontecem desde 2011 na Comunidade Quilombola Córrego do Meio, zona rural de Airões, distrito de Paula Cândido – MG.

Vivências do/no Congado, e também relação do encontro entre Maria de Lourdes Mateus, Marcelly Cristina Mateus Celestino e eu, Nara Córdova Vieira. Lourdes, como é mais conhecida, e Marcelly são mulheres negras corta-ventos da Banda de Congo José Lúcio Rocha de Airões. O Congado é manifestação cultural negra brasileira de origem banto, que celebram em festejo santas e santos, dentre elas, a padroeira Nossa Senhora do Rosário. A Festa de Nossa Senhora do Rosário em Airões acontece, todos os anos, no terceiro final de semana de outubro.

Festa de coroação de rainhas e reis negros de raiz secular que se mantém em tradição. Tradição esta que não é estática, mas movimento, transformações, ressignificações, enraizada em memória coletiva ancestral. O fazer presente, também ancorado em passado e futuro, é complexo ritual de celebração que inclui atos litúrgicos, narrativas, cantos, danças que são as afrografias. (MARTINS, 1997)

Dentre os rituais há abertura de caminhos, realizada de diversas maneiras, não podendo ser simplificada ou generalizada. A abertura de caminhos é função de corta-vento, que bate espada, guarda a santa, e pessoas, dentre elas as rainhas e reis. Com suas embaixadas¹, cantos, danças de bate espada, corta-ventos abrem caminhos de toda a banda de congo e das pessoas que acompanham o cortejo do Congado.

A Banda de Congo José Lúcio Rocha tem mais de 130 anos. E há apenas pouco mais de 30 anos que as mulheres passaram a exercer a função de congo. Fato que aconteceu com a entrada de Lourdes, que conta:

1 As embaixadas são como histórias narradas em complexo ritual durante o Congado.

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Ah, porque meu marido saia muito, né! Aí, eu ficava com as meninas, eu tenho 3 filhas. Aí resolvia ir também. Porque se não ele passeava e eu ficava, né! Aí, resolvi entrar na banda de congo. Só que eu comecei dando água. Comecei dando água pros congo. Depois eu fui pra fileira, né, que é pandeiro. Fui bate pandeiro com eles. Depois, eu resolvi a ser corta-vento, que é na espada. (Maria de Lourdes Mateus. Entrevista realizada no dia 12 de outubro de 2017)

Lourdes, hoje corta-vento, abriu seus próprios caminhos na banda de congo e de outras mulheres que atualmente estão na banda batendo pandeiro e espada. São quase dez mulheres congo na banda de Airões. Inclusive Marcelly, neta de Lourdes, que entrou na banda de congo antes de completar dois anos de idade. Hoje com 11 anos, Marcelly diz que a espada “é o instrumento”² de quem é corta-vento. Assim como sanfona, violão, caixa, pandeiro, reco-reco e, as vezes, cuíca são instrumentos presentes na banda de congo de Airões.

De acordo com Dalva Soares (2009), as mulheres sempre estiveram presentes no Congado em funções como bandeireiras, rainhas e em posições de organização da festa, como, por exemplo, cozinheiras. A autora afirma que é recente o processo de reorganização dos espaços de poder pelas mulheres no Congado como em outras culturas populares. Hoje, segundo Dalva Soares (2009), as mulheres estão ocupando posições mais valorizadas na hierarquia do ritual e de maior visibilidade, como congo, e ainda nesta função, capitãs, mestras e corta-vento.

Corta-vento bate espadas em pares para abrir caminhos. Pares em relação de coletividade é presente no Congado. Uma delas é a relação de entreatajuda entre bandas de congo de comunidades e cidades vizinhas que se dá nos dias das festas. Quando é festa em uma cidade, as bandas próximas vão participar do festejo. E assim vão se ajudando na chamada “troca de dias”³, segundo Lourdes.

É também com pensamento de coletividade que Lourdes pensa e chama outras mulheres a participar do Congado. Lourdes é também agricultora, integrante de movimento

2 Marcelly Cristina Mateus Celestino. Entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2017.

3 Maria de Lourdes Mateus. Entrevista realizada no dia 29 de janeiro de 2013.

Realização:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Secretaria Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





social, sindicato e movimento de mulheres. Ela conta como foi pular congo pela primeira vez em outra cidade que também não havia mulheres dançando, enquanto ela era a única congo de sua banda:

Aí chegou lá, nós chegamos lá, nós ficamos numa escola. Aí a mulher falou, a moça falou assim: “Chegou três congos de, acho que é de Airões, três homem”. Aí uma virou pra outra e falou: “Não, não é homem não. Chegou uma mulher também”. “Ah, ela é doida” (risos) (...) Aí quando elas vieram cá fora, elas viram que eu também tava e ela falou assim: “Cê mora aonde?” Falei: Airões. “Veio de bicicleta?” Falei assim: vim. “Nossa senhora, quê que é isso?” Falei: Não sei, eu vim. “Então cê vai dançar o congo?” Falei: Vou, se Deus quiser. Se vocês deixarem, me aceitarem, porque lá na minha cidade, eu danço no meio dos homem lá. E as mulher lá fico tudo de os olhos ni mim. Eu no meio daquele monte de homem, dançando. E aí é eles falava, eu falei com as mulher: Oh, não me deixa sozinha não, ein. Mulher tem que ser uma pela as outras. Ano que vem eu vou chegar aqui e cês tá dançando também comigo. Se Deus quiser. “Ah, mas aí.” Eu falei não, mas aí não senhora. Pó dá um jeito. Aí elas falou: “Tá bom. Podexá”. Então agora tem mais mulher do que homem dançando lá. Porque elas, elas ainda falaram: “é... aquela mulher que veio de fora ajudou nós muito”. Aí, quando foi o outro ano, é, graças a Deus, apareceu lá bastante mulher lá no meio de mim e nós começamo dançar. (Maria de Lourdes Mateus. Entrevista concedida no dia 13 de outubro de 2017.)

É isto, “Mulher tem que ser uma pela as outras” como afirma Lourdes. E assim, cada vez mais, dançaremos juntas. Em luta e resistência pelas igualdades e contra tantas opressões estruturais que geram desigualdades sociais. Esta, consequência de uma estrutura desigual de categorias: raça, classe, gênero, sexualidade, capacidade física, nacionalidade, estatuto migratório, religião, dentre outras (NOGUEIRA, 2017). Opressões que não têm hierarquias, como afirma Djamila Ribeiro (2017), mas estão em interseccionalidades. Elementos de estrutura social que constrói uma identidade social, segundo Djamila Ribeiro (2017), que é coletiva.

Lourdes e Marcelly são sujeitas desta história. Desta vez, sou eu que estou a escrevê-la textualmente aqui nessas grafias e na dissertação, produção deste mestrado. Mas são frutos de construção coletivas, pois as duas que as contam, cantam, dançam, afrografam de diversas maneiras. Não é necessário que haja uma escrita acadêmica, mas vejo também que

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





a escrita feita de forma coerente, respeitosa, pode agregar no sentido de visibilizar e valorizar nossas histórias afro-ameríndias, brasileiras.

Pensando no meu lugar de fala, que é um lugar social, não apenas individual, reflexão proposta por Djamila Ribeiro (2017) sou mulher negra, mas não estou no lugar que ocupam Lourdes e Marcelly. Ambas são mulheres negras quilombolas, congos, corta-ventos, de famílias agricultoras. Venho da realidade urbana da capital mineira com privilégios de família classe média com possibilidades de dedicação exclusiva aos estudos formais. Não sou congo como as sujeitas desta pesquisa, portanto, penso que é um risco esta escrita pois é tênue a linha da apropriação cultural. Reflito para que eu não cometa este e outros equívocos.

Seria melhor que Lourdes e Marcelly contassem sua própria história aqui nesta escrita textual acadêmica, mas também não é necessária caso não façam. Porque o protagonismo de suas grafias no Congado são mais importantes que a escrita textual sobre essas grafias. Escrita textual esta que não abrange a complexidade presente no Congado. Leda Martins (1997;2002;2003) com reflexão às diferentes grafias, matiza o termo oralitura. A autora afirma:

A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pela voz e pelo corpo, denominei oralitura, matizando na noção deste termo a singular inscrição cultural que, como letra (littera) cliva a enunciação do sujeito e de sua coletividade, sublinhando ainda no termo seu valor de litura, rasura da linguagem, alteração significante, constitutiva da alteridade dos sujeitos, das culturas e de suas representações simbólicas (MARTINS, 2003, p. 77 – grifo meu)

Ao propor a oralitura, a autora está em contrafluxo a uma literatura hegemônica brasileira que valoriza e prioriza os padrões eurocêntricos de referências. Modelo onde predominam as escritas textuais e invisibilizam outras linguagens.

Segundo Leda Martins (2003), a oralitura é conhecimento, modo de inscrição e disseminação de memória coletiva. Portanto, deve ser tão valorizada quanto os arquivos textuais que priorizam, muitas vezes, a voz da supremacia branca masculina. A oralitura tem sentido de unidade dessas diversas formas de grafias como as afrografias presentes no Congado.

Realização:



SEXTA FEIRA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Afrografias que percebo presentes também no processo de criação em dança, portanto, inscrição de oralitura. Explico que a dança desse processo de criação é grafada por mim corpo afro-ameríndio, brasileiro que tem como inspiração, pulso, dispositivo de criação as corta-ventos Marcelly e Lourdes, também corpos afro-brasileiros, da Banda de Congo José Lúcio Rocha de Airões, Minas Gerais.

Os processos de criação têm acontecido em uma relação de subjetividade, pois tenho buscado nesse caminho, cada vez mais conhecer minha história e história de minha família. Tentando refletir nesse processo, como sugere Márcia Tiburi (2016), “Como me tornei quem sou?”⁴. Essas reflexões que já aconteciam, agora intensificadas, levam-me a compreensões, inclusive para entender meu lugar de fala, já citado, proposto por Djamilia Ribeiro (2017). Com isso, em processos de angústias, sofrimentos e também alegrias e percepções de humanidade, e novamente emoção, tristezas, gozos e vontade de dançar, fazer arte.

E, tudo isso, leva-me a buscar coletivos e suas histórias. Histórias de minha família, de Marcelly e Lourdes, de pessoas que conheço e desconheço, de onde eu moro, do Brasil, do mundo. Portanto, danço, mesmo só, em grafias que buscam uma coletividade. Isso é o que sinto quando danço e o que reflito e escrevo agora em texto.

Nos processos criativos em dança, mesmo nos momentos que identifico e sinto subjetividade na prática em dança, composição coreográfica, não são processos de minha individualidade. Danço com Lourdes e Marcelly de alguma forma, pois minha dança vem da observação, estudo das danças dessas sujeitas e das vivências de nossos encontros. E, por vezes, danço em coletividade presente como com pessoas do grupo Umbigada o qual faço parte. Umbigada chamado formalmente de Grupo de Pesquisa em Dança, Cultura e Contemporaneidade/GPDACCO, orientado por Daniela Amoroso.

Participante da Festa do Rosário em Airões desde 2011 e em relação de encontro com Lourdes e Marcelly desde então, danço hoje Andeja nos ventos. Processo que é a pesquisa

4 Palestra Márcia Tiburi: Como nos tornamos quem somos? Palestra de encerramento da programação SGP/COEDE 2016 realizada no auditório do TRE-BA em 28/11/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=floQ2KkzP_I

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





criação artística com estudos nos princípios de movimentos das danças de Lourdes e Marcelly, corta-ventos da Banda de Congo José Lúcio Rocha. Mas a inspiração, pulso, dispositivo de criação é da oralitura. Então, a dança, mas também as narrativas das histórias, as embaixadas, os cantos, os encontros.

A criação em dança processo em andamento, possível pela vivência na comunidade Córrego do Meio, chamada de pesquisa de campo. Momento de observação, participação da festa e encontro com Marcelly e Lourdes. Além de estudo e investigação dos movimentos tendo como disparadoras as duas sujeitas e as vivências na comunidade.

Esses modos de fazer não são inéditos. Artistas da dança trabalham tendo como referências culturas e protagonistas dessas culturas para inspiração e disparador de criação. Diferente de reprodução, mas como base, referência, pulso de criação. Dentre essas artistas estão Inaicyrá dos Santos (2006) que reflete em seu livro **Corpo e Ancestralidade**:

Escolhi a modalidade *Batá* como elemento de análise coreológica e de criação artística, devido a seus elementos de estilo variado de movimentos corporais, dinâmica, ritmo, expressividade e também devido a sua riqueza mitológica. Isto me levou à elaboração de princípios que poderiam inspirar a arte e a dança contemporânea brasileira, tendo a tradição como ponto de partida, mas que se reestrutura sob o ponto de vista criativo do coreógrafo. (SANTOS, 2006, p.33 – grifo nosso)

Propostas semelhantes são os trabalhos de Graziela Rodrigues (1997) com a metodologia e título do livro **Bailarino-pesquisador-intérprete**, Lara Machado (2017) com **Danças no jogo da construção poética** e também Renata Lima (2014), Carla Ávila (2007) e Daniela Amoroso com o trabalho Hortensia⁵ da pesquisa **O passo nas danças populares**

5 Prospecto Hortensia on-line: “É um trabalho de dança. Matéria de instinto, coisa de fêmea, de menina e de mulher. Uma tomada de consciência de estados de alma entre a bailarina da caixinha de música e a porta-bandeira sambadeira. Corpo que se coloca em liberdade de dançar e se descobrir Gogoia. A própria mastigação do mal-estar em transformação, giro, espiral, redondo, a hora do cão, feita mulher. Partiu do passo, da aceitação e da negação do passo. Do reconhecimento e da limitação do patrimônio na composição em dança. Do questionamento de que a teoria pedia a minha dança para existir, pedia um desprendimento da própria etnocologia. Gesto e passo.” (AMOROSO, 2016). Disponível em: <http://www.aldeianago.com.br/danca/eventdetail/165110/45/corpo-em-casa-apresenta-hor-tensi-a>. Acesso em: agosto, 2018



brasileiras: corpo, etnocenologia e criação, realizado durante o pós-doutoramento Paris8 /CAPES/UFBA nos anos de 2015 e 2016.

Com isso, faço constantemente questionamento: É apropriação cultural eu dançar tendo como inspiração, pulso, disparador de criação, ponto de partida a cultura popular negra? Não tenho resposta. Considero que não existam verdades, mas situações diversas. A questão é complexa que deve ser refletida, discutida criticamente sempre.

Penso como Djamila Ribeiro (2017) que as pessoas podem dizer sobre todo e qualquer assunto, mas refletindo criticamente o seu lugar de fala que é um lugar social, advinda das categorias: raça, classe, gênero, sexualidade, dentre outras. Há diferença, portanto, entre este artigo e a dissertação escritas na tentativa de uma coletividade, pois traz a voz de Lourdes e Marcelly, mas está sendo grafada textualmente por mim, da produção feita por Lourdes e Marcelly, porque elas são congos e dizem sua história. Por mais que eu considere que as histórias do Congado façam parte de minhas histórias ancestrais, porque sou mineira e o Congado é cultura local de onde sou, mas não sou congo. O Congado é realidade para mim, por vezes, familiar e também, de certo modo, desconhecida já que não faço parte do cotidiano de comunidades protagonistas desta cultura.

Reflijo, a partir da leitura de Djamila Ribeiro (2017) que não existe uma universalidade mesmo se tratando de mulheres negras. A identidade social diferencia e evidencia um projeto de colonização que historicamente silencia e desautoriza identidades que são culturas violadas, marginalizadas, folclorizadas e não são vistas como conhecimento.

Considero também que o fato de eu, mulher negra, identificar-me com culturas de matrizes africanas e ameríndias e construir minha identidade cultural com base nelas e dançar tendo estas referências, é um processo de descolonização. E portanto, valoriza mais as culturas negras e ameríndias populares do que se eu as ignorasse ou permanecesse com a reprodução dos modelos e padrões estéticos eurocêntricos que aprendi na educação formal, na mídia, na vida.

Realização:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:



E eu não poderia escrever e dançar tendo como referência a cultura do Congado sem que protagonistas da cultura aprovassem e conduzissem esse processo. O processo que vivo hoje só acontece porque tem pessoas que me autorizam a fazê-lo: Lourdes, Marcelly, sua mãe Natália e outras pessoas da comunidade. Reflito que desta forma é mais legítima e menos uma continuidade dos processos de colonização.

Compreendo a necessidade de discussões a respeito das danças negras, danças de culturas populares. Coloco-me na tentativa de compreender as diversidades nas análises e posiciono-me em um discurso afro-referenciado até o dia em que pessoas negras possam falar de cultura, arte, dança sem ter que discutir questões étnico-raciais devido a uma questão histórica de subalternização, desvalorização, invisibilidade e racismo.

Para as vivências na comunidade das corta-ventos tenho como orientação os estudos de etnocenologia com referência em Armindo Bião (1995;1999). A etnocenologia é uma perspectiva disciplinar e tem como estudo o comportamento humano espetacular organizado. E por espetacular se compreende, segundo Armindo Bião (1995, p. 46 – tradução livre) “um modo de ser, de comportar-se, de se mover, de atuar/agir no espaço”. A palavra etnocenologia em sua etimologia vem de estudos referente ao: etno que tem origem em raça, etnia e diversidade cultural da humanidade em sua singularidade e pluralidade; E ceno que vem de *skênos*, do grego, que significa corpo em seus diferentes contextos (BIÃO, 1999).

Para criação artística utilizo como metodologias a InvestiCreación Artística, proposta por Irma Fuentes Mata e Pablo Parga Parga (2017) e a Pesquisa com prática artística, investigado por Ciane Fernandes (2013), com o intuito de realizar a pesquisa criação/prática como investigação da criação artística em contexto acadêmico. Portanto, os procedimentos metodológicos com as orientações citadas são a pesquisa de campo, a observação participante, os registros em vídeos e fotos, o diário de campo, as entrevistas semi-estruturadas e flexíveis, a revisão bibliográfica, estudos e interpretação de dados, investigação e criação artística, escrita de testemunho do processo em dissertação.

Realização:



Apoio:



GOVERNADOR
GENO ROCHA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





O processo de criação artística nomeado *Andeja nos ventos* se permanece e transforma a cada dança. *Andeja nos ventos* se iniciou desde minha entrada ao mestrado. Durante esse período de pesquisa em Salvador, estudos nas disciplinas do mestrado e no grupo *Umbigada*, ida à campo em Minas Gerais, tenho estado em processos de investigação e criação. Esses processos têm como disparadoras as sujeitas da pesquisa, as vivências na comunidade e esses trajetos referentes à pesquisa.

Em estudos em etnocenologia no grupo *Umbigada*, a orientadora Daniela Amoroso propôs o dispositivo de criação *Skênos* derivada da palavra etnocenologia, já citada. *Skênos*, corpo, pensado também como morada, casa. Com desenho de uma casa de cinco vértice, cada uma das vértices indicando elemento que observaríamos em campo. Os cinco elementos sugeridos foram: pessoa, movimento/gesto, objeto, cheiro e som. Cada um desses elementos pode posteriormente se tornar disparador de criação para o solo que já estava em processo.

As pessoas foram Marcelly e Lourdes, os movimentos de corta-ventos, a espada como objeto, os cheiros de terra e mato dos caminhos, o som do tambor, o canto e o tilintar das espadas. Com o tempo minhas observações expandiram as paredes da casa e foram para os rituais, as relações, as conversas, as emoções, as brincadeiras, os ventos, as plantas, os trajetos, o preparo da festa com catar feijão, o alimento, a organização do espaço, o registro em fotos e vídeos, entre outros elementos que vão se agregando aos iniciais e que inspira e dispara à criação.

Nesses processos, há a busca individual e coletiva em proposta em grupos de um estado de corpo das corta-ventos Marcelly e Lourdes, de abertura de caminhos, de conhecer e reconhecer o chão e os caminhos. Além de traçar os percursos da pesquisa, de brincar com ventos no bate espada, e resistir, cortar ventos de opressões. Algumas proposições vieram desse estado de corpo, outras do princípio de movimento das corta-ventos.

Acompanhei em tirocínio o componente Estudos do Corpo IV orientado também pela professora Daniela Amoroso. A partir das propostas em aula dos princípios de movimentos da

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Capoeira Angola, investiguei os princípios de movimento das corta-ventos Marcelly e Lourdes. Assim, passei pelas transições da ginga da Capoeira e de corta-ventos, buscando e priorizando o estado de corpo à técnica de execução do passo em si.

Pude com essa investigação propor em aula para o coletivo. A proposta foi avaliada positivamente em *feedback*, porque a capoeira é manifestação presente em Salvador, diferente do Congado. Chegamos ao passo do Congado pela ginga da Capoeira mudando a transferência da perna de trás para frente, mantendo a base do triângulo no chão. Mantivemos a energia ativa de proteção e investida dos braços, característica da Capoeira e das corta-ventos. E dançamos em pares como se faz em ambas. Esta proposta também foi desenvolvida com o grupo da disciplina de Etnocologia, orientada pela professora Daniela Amoroso.

Fizemos como finalização do componente Estudos do Corpo IV e parte do Painel Performático da UFBA uma apresentação dos solos no Casarão Barabadá. Pela primeira vez, dancei a público e percebi a importância da itinerância de espaços para Andeja nos ventos, justamente porque andeja significa andarilha, quem se mantém em caminhada. Andeja caminha e abre seus caminhos no vento. Pude compartilhar o processo também no ACASAS, “plataforma de apresentações artísticas em casas”⁶ e, na semana de recepção à nova turma do PPG Dança 2018 na UFBA, onde andejei pela mata em torno do prédio da Dança. Todas tiveram a semelhança da itinerância, mas especificidades por serem espaços distintos e diferenças pelas investigações de movimentos.

Pude também investigar o processo desta pesquisa em trocas com Georgianna Dantas, mestre do PPG Dança, com pesquisa defendida em julho de 2018 intitulada **O plantar do dia**: A geo-(r)-coreo-grafia de Urã no chão da rua da Bahia. Juntas dançamos o

6 Prospecto ACASAS on-line: “Plataforma de apresentações artísticas em casas, desde 2012 investigando as possibilidades artísticas no cotidiano espaço de uma casa. Coordenam a plataforma ACASAS os artistas Lucas Moreira e Thulio Guzman. A plataforma ACASAS têm 9 Edições já realizadas desde 2012 em diferentes casas das cidades de Salvador(BA), Cachoeira(BA), Belém(PA) e Brasília(DF), para acessar registros acesse o nosso tumblr: www.nascasas.tumblr.com.” Disponível em: https://www.facebook.com/pg/nascasas/about/?ref=page_internal

Realização:



Apoio:



Fomento:





Água na cabeça, processo dos nossos encontros e compartilhamentos de danças, vidas, ideias, pesquisas. E junto a Thulio Guzman, doutorando do PPG em Artes Cênicas e coordenador da plataforma ACASAS, propomos o Em-caminhadas: conversas andantes de pesquisas, no III Jornada de Estudos do Grupo de Pesquisa Umbigada.

O processo de Andeja nos ventos permanece em Salvador e já de mudança à Minas Gerais. Em caminhadas para encontro com as corta-ventos Lourdes e Marcelly e participação na Festa de Nossa Senhora do Rosário de 2018. Processo intenso de encontro, observação, investigação e criação, andejando nos ventos para abrir e refletir os caminhos da dança e da vida.

Referências:

AMOROSO, Daniela Maria. **Hortensia**. Salvador, 2016. Prospecto on-line. Disponível em: <http://www.aldeianago.com.br/danca/eventdetail/165110/45/corpo-em-casa-apresenta-hortensia>. Acesso em: agosto, 2018.

_____. **Levanta mulher e corre a roda**: dança, estética e diversidade no samba de roda de São Félix e Cachoeira. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – UFBA, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9646>. Acesso em: agosto, 2018.

ÁVILA, Carla Cristina de Oliveira. **Itinerâncias e Inter-heranças**: do ritual do congado da Zona da Mata mineira ao processo de performance em dança contemporânea. Dissertação (Mestrado em Artes) – Unicamp, Campinas, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/%C3%81vilaCarlaCristinaOliveirade%20(1).pdf>. Acesso em: janeiro, 2017.

BIÃO, Armindo. Etnocenologia, uma introdução. In: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (org.). **Etnocenologia**: textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. Ethnoscénologie, manifeste (Manifesto da etnocenologia). In: **Théâtre-Public 123**, maio-junho 1995, p. 46-48.

Realização:



COORDENADORIA
ESTADO DO AMAZONAS



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Secretaria Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





CELESTINO, Marcelly Cristina Mateus. **Marcelly Cristina Mateus Celestino**. Paula Cândido: Airões – Comunidade Córrego do Meio, 2017. Entrevista concedida a Nara Córdova Vieira.

DANTAS. Georgianna Gabriella. **O plantar o dia**: A geo-(r)-coreo-grafia de Urã no chão da rua da Bahia. Dissertação (Mestrado em Dança) – UFBA, Salvador, 2018.

FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2013.

GUZMAN, Thulio; MOREIRA, Lucas. **ACASAS**. Salvador, 2018. Prospecto on-line. Disponível em: www.nascasas.tumblr.com. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/nascasas/about/?ref=page_internal. Acesso em: agosto, 2018

MACHADO, Lara Rodrigues. **Danças no jogo da construção poética**. Organização [de] Sara Maria de Andrade. Natal: Jovens Escribas, 2017.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. **Periódicos UFSM**, Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881/7308>. Acesso em: julho, 2018.

_____. **Afrografias da Memória**: O Reinado do Rosário em Jatobá. São Paulo: Perspectiva, 1997.

MATA, PARGA, Pablo Parga. Investigación, formación y creación em la Red de Investicreación Artística. México-España. III CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN ARTES VISUALES. ANIAV-2017. **GLOCAL**;[codificar,mediar,transformar,vivir], Querétaro, México, 2017. Disponível em: <http://ocs.editorial.upv.es/index.php/ANIAV/ANIAV2017/paper/viewFile/4909/2740>. Acesso em: agosto, 2018.

MATEUS, Maria de Lourdes. **Maria de Lourdes Mateus**. Paula Cândido: Airões – Comunidade Córrego do Meio, 2013; 2017; 2018. Entrevista concedida a Nara Córdova Vieira.

Realização:



SECRETARIA DE
EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Apoio:

Fomento:



NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e psicologia feminista**. Salvador, Bahia: Editora Devires, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Graziela Estela Fonseca. **Bailarino-pesquisador-intérprete**: processo de formação. 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SILVA, Renata Lima; LIMA, Marlini Dorneles de. Entre raízes, corpo e fé: poenografias dançadas. **Moringa**. João Pessoa, V. 5 N. 2 jul-dez/2014.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria(s)**: Mulheres na tradição do congado em BH, MG. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – UFV, Viçosa, 2009. Disponível em: <<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/3322/texto%20completo.pdfsequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: maio, 2017.

TIBURI, Márcia Tiburi. Palestra Márcia Tiburi: Como nos tornamos quem somos. Palestra de encerramento da programação SGP/COEDE 2016 realizada no auditório do TRE-BA em 28/11/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=floQ2KkzP_I. Acesso em: agosto, 2018.

*Nara Córdova Vieira – naracordova@gmail.com

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Dança na Universidade Federal da Bahia, bolsista CAPES. Atua na linha de pesquisa Mediações Culturais e Educacionais em Dança com orientação da professora doutora Daniela Maria Amoroso. Integrante do Grupo de Pesquisa em Dança, Cultura e Contemporaneidade. Formada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa.

**Daniela Maria Amoroso – daniamoroso@hotmail.com

Professora da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (2010), Pós-doutora pela Université Paris 8- Saint Denis (2015/2016), Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia-UFBA (2009). Daniela é dançarina e pesquisadora. É líder do Grupo de Pesquisa em Dança, Cultura e Contemporaneidade-GPDACCO UFBA desde 2015.

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento: